

IVAN JAF

**Aluísio Azevedo
e *O CORTIÇO***

Ilustrações
Leandro Robles

2019



OBRA-PRIMA
coleção



**Editora
Saraiva**

Aluísio Azevedo e *O cortiço*
© Ivan Jaf, 2019

**Direção Presidência
Gerência editorial
Coordenação editorial
Edição
Suplemento de leitura e projeto
de trabalho interdisciplinar**

Mário Ghio Júnior
Cintia Zulzer
Fabio Weintraub
Laura Vecchioli
Chantal Castelli

**Planejamento e
controle de produção**

Patrícia Eiras
Adjane Queiroz

Arte

Daniela Amaral (ger.)
Erika Tiemi Yamauchi Asato (coord.)

**Projeto gráfico
e diagramação**

Nathalia Laia

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)
Kátia Scaff Marques (coord.)
Rosângela Muricy (coord.)
Brenda T. M. Morais
Daniela Lima
Gabriela M. Andrade
Heloísa Schiavo
Hires Heglan
Patrícia Travanca
Paula T. de Jesus
Sandra Fernandez
Vanessa P. Santos
Amanda T. Silva e
Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

**Coordenação comercial
Iconografia e
tratamento de imagem**

Carolina Tresolavy

Sílvio Kligin (ger.)
Fernanda Crevin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-
Aluísio Azevedo e *O cortiço* / Ivan Jaf ; ilustrações
Leandro Robles. – 1. ed. – São Paulo : Saraiva, 2019.
(Obra-prima coleção)

ISBN: 978-85-472-3719-6

1. Romance brasileiro. I. Robles, Leandro
(ilustrador). II. Título. III. Série.

2019-0357

CDD: B869.3

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

CL: 811459
CAE: 654575

2019
1ª edição
1ª impressão
Impressão e acabamento:



Direitos desta edição cedidos à Saraiva Educação S.A., 2019
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br
Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Aluísio Azevedo é no Brasil talvez o único escritor
que ganha o pão exclusivamente à custa da sua pena,
mas note-se que apenas ganha o pão: as letras
no Brasil ainda não dão para a manteiga.*

Valentim Magalhães



1

capítulo

1886. Rio de Janeiro, Capital Federal. Seis horas da manhã. Aluísio Azevedo levantou da cama, lavou o rosto na bacia, enxugou-se na toalha encardida e se preparou para mais um dia de trabalho. Estava escrevendo um romance. *O homem*. Sentou-se à mesa, molhou a pena no tinteiro...

Não. Não conseguia se concentrar. Os pensamentos dispersos. Melhor trabalhar em algo mais leve. Escrever bobagens. Atender aos pedidos dos amigos. Uma quadra rimada em louvor das máquinas de costura.

Não tinha dinheiro nem para o aluguel daquele quarto miserável e úmido onde morava, ao lado do Corpo de Bombeiros, nos fundos do Campo de Santana. O português, dono da casa de cômodos, ameaçava pô-lo na rua e apreender seus poucos móveis se não pagasse os meses atrasados.

Lugar sórdido, sujo, abafado, principalmente no calor insuportável de um verão abrasador como aquele. Seus vizinhos de quarto também eram pobres. Estudantes, carteiros, repórteres de jornais falidos, operários de todas as profissões, figurantes de teatro, cantores de igreja, costureiras sem oficina, cigarreiros sem fábrica, barbeiros sem barbearia, tipógrafos, limpa-trilhos de bondes... Sem falar naquele poeta tísico, desempregado, sem mesada nem mobília, carregado apenas de sonhos, vivendo da desgraça e da glória do dom de fazer versos, olhos fixos no ideal, sem enxergar a realidade.

Se alguém andasse por aqueles corredores sombrios e rançosos, espiando por janelas e portas abertas, veria o pobre homem fazendo charutos, a mulher curvada costurando camisas, o artista desenhando um cartaz de elixir expectorante, o ator decorando uma comédia, o rapaz macérrimo escrevendo um soneto, o velho consertando relógios, o estudante às voltas com uma caveira, o fotógrafo preparando clichês... Velhos decadentes e jovens idealistas, numa mistura de pessoas que já foram alguma coisa com outras que ainda não eram nada.

Se naquela manhã alguém espiasse por sua janela aberta, veria um pobre escritor atormentado, descabelado, debruçado sobre sua mesa, espremendo frases do cérebro. E à custa de nada!

Perder toda uma manhã a escrever de graça! Mas como recusar? Também devia favores. E todos queriam *tão pouco...*

— Duas palavrinhas apenas.

A promessa de vinte, trinta artigos, destinados aos fins mais diversos e mais descontraídos.

— Uma simples carta de amor.

— Um versinho para meu filho.

— Uma notícia sobre o acidente.

— Um anúncio que chame a atenção do público para este queijo. Ah, e também para aquele chapéu.

— Um discurso que tenho de pronunciar no aniversário do meu sócio.

— Uma introdução para o livro de um amigo nosso.

— Um artigo, sobre qualquer coisa, para tapar um buraco na página do meu jornal. Você não pode recusar!

Faziam Aluísio até perder o gosto de sair de casa e encontrar os amigos. Os pedidos iam se acumulando. E as cobranças.

— E então? E aquilo?

— Aposto que ainda não escreveu.

— Trouxe o artigo que me prometeu?

Preparou um café forte e o bebeu apoiado na janela da cozinha da casa de cômodos, olhando o matagal selvagem que tomava o quintal dos fundos e amaldiçoando as horas perdidas a trabalhar de graça.

Conformou-se. Voltou ao quarto, sentou novamente diante das folhas em branco, molhou a pena no tinteiro e recomeçou.



2

capítulo

11 h 30. Já escrevera uma quadra rimada enaltecendo empadas, um artigo sobre o perigo de quebrar a cabeça ao descer de um bonde andando, esboçara um cenário para a próxima peça de seu irmão Artur, congratulara um senador pelo seu natalício, redigira uma crítica ligeira sobre o livro de poesias de um amigo e elogiara o sabor de um queijo e as qualidades de um xarope.

Com a cabeça quente, foi à cozinha preparar mais um café forte. Voltou com a caneca ao quarto e puxou uma cadeira para perto da janela que dava para o pátio da entrada. Pouco depois viu o largo portão de ferro da rua se abrir e Coelho Neto entrar na casa de cômodos.

Era o jovem que conheceu duas noites atrás, na rua do Ouvidor. Pretendia ser escritor, coitado. Vinha da mesma província que Aluísio, o Maranhão, tentar conquistar a Corte com sua pena. Como Aluísio. Como tantos.

A família queria que Coelho Neto cursasse Direito em São Paulo, mas ele “não podia com aquilo, era um pesadelo, tinha horror ao Direito”.

Literato mesmo. Um caso perdido. Chegava com a cabeça no Oriente de *As mil e uma noites*, na Grécia com seus deuses e heróis, na Índia com seus mistérios, mas com os bolsos vazios, sem mesada nem cartas de recomendação.

O engraçado é que veio para o Rio de Janeiro seguindo os passos de seu ídolo, o conterrâneo que “conquistara um lugar entre os grandes da literatura”: Aluísio Azevedo.

Aluísio lembrou-se de ter dado o endereço ao rapaz na noitada da rua do Ouvidor, quando este pedira para “conhecer o escritório do famoso escritor maranhense”. E ali estava Coelho Neto: gravatinha-borboleta, bengala, chapéu, bigodinho bem aparado e o minúsculo pincenê, como uma borboleta de asas transparentes pousada na ponta do nariz.

Trazia a expressão do fiel que entra na igreja, mas estranha o estado miserável dela.

Certamente esperava o retiro maravilhoso de um grande escritor, sua oficina sagrada... tapetes, bronzes, mosaicos de madeira, lagos com ninfas nuas, telas de artistas célebres nas paredes, mármore, mesas manuelinas, castiçais de prata, bustos de Balzac, Victor Hugo e Stendhal. Mas a cada passo mais se desiludia.

Parou no pátio ladrilhado e olhou em volta, descrente. Tinha errado o endereço. Só podia ser isso.

Aluísio lembrou que estava desganhado e com um bafo nojento de café. Voltou à bacia, amansou a cabeleira e lavou a boca, com força. E foi assim que o jovem escritor maranhense reviu seu ídolo, lá da janela: calças de brim, camisa aberta no peito, chinelos, cuspidando babas asquerosas, as mãos chapinhando na água como um pardal na poça.

— Bom dia!

— Entre, meu amigo — convidou Aluísio, abrindo a porta. — Como vai?

No centro do quarto, a mesa coberta de livros e papéis. Junto à parede, duas estantes de ferro também transbordando de livros. Ao fundo, uma triste cama de solteiro. Três cadeiras.

Sentaram-se.

Constrangido, Coelho Neto desatou a falar sobre a terra natal deles, o saudoso Maranhão... São Luís, a “Atenas brasileira”, seus escritores, a glória nacional que representava Gonçalves Dias, o grande mestre Sotero dos Reis, o revolucionário advogado Celso Magalhães, o próprio Aluísio e seu irmão Artur, o grande homem de teatro. E emendou as saudades com seus planos literários, e desfiou seus cânones, e pôs-se a discorrer sobre os clássicos, e citou Homero, Hesíodo, Xenofonte.

Aluísio Azevedo se manteve calado, olhando o infinito.